

**PARA UMA LEITURA DE PAISAGEM ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA:
NOVA CARTOGRAFIA POÉTICA DO BRASIL**
(apresentação do livro: *Nouvelle cartographie poétique du Brésil: l'ici, appel de l'ailleurs*)

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

O Brasil não é longe daqui, diz o título de uma das obras de Flora Süssekind, evidenciando, de modo inconfesso, o projeto de fazer aflorar uma cartografia geográfica e poética nova que preencha a “sensação de não estar de todo” (SÜSSEKIND, 2000, p. 13). Compreende a autora esta sensação vivenciada pelo sujeito no próprio país como experiência interior de certa incompletude e estranhamento que articula a procura de um Brasil desconhecido dentro do próprio Brasil conhecido. Como decifrar esse enigma da distância entre os dois Brasis pontuado por Süssekind? Em que medida a presença estrangeira poderia efetuar essa mediação a um Brasil outro, transgeográfico, transsubjetivo e transdisciplinar, composto pela variabilidade de modos e formas perceptivas efetuadas pelo sujeito?

Síntese lapidar do Brasil contemporâneo, artístico e cultural, o poema “A educação dos cinco sentidos” de Haroldo de Campos retrata a busca dessa paisagem nova, traduzindo, sobre a página em branco, certa força de transformação, aquela que encontra completude no desvelamento de seu contrário. Assim procedendo, imprime mobilidade ao pensamento que se compraz em redescobrir as genuínas raízes de um sujeito, de um espaço e de uma subjetividade. Uma paisagem intervalar entre Próximo e Distante é fundada que brinda o homem contemporâneo com territórios desconhecidos, desdobrados de seus próprios territórios conhecidos. No poema *A educação dos cinco sentidos*, diz Haroldo de Campos:

[...] a educação dos cinco
Sentidos
o táctil o dansável
o difícil
a ler / lisível
visibilia / invisibilia
o audível
[...]
a mão
o olho
a escuta
[...]
o ar
lapidado: olha
como esta palavra acrescenta-se
a esta outra
[...]
trabalho tão raro
quanto fazer rodar um pião

sobre a unha
mas que deixa um traço
mínimo / não dispensável,
[...]
o que se acrescenta
permanece
(nos sentidos)
mínimo apenas
(hubris do mínimo
que permanece)
(CAMPOS, 1985, p.11-15),

demarcando uma percepção de natureza não fenomenológica e incidental que ressoa, a seu modo, o pensamento do filósofo François Jullien. Sobretudo em sua obra *As Transformações Silenciosas* (tradução de Maria Luiza Berwanger da Silva, 2018), mas reiterando-o ao longo de sua obra, François Jullien compreende o perceber como “perscrutar” de incidentes e invidências que afloram sem o agir do sujeito, surpreendendo-o justamente pelo caráter imprevisível e inesperado com que se fazem notar. Como o descreve François Jullien:

Entre o momento em que a transformação ainda não ascendeu ao nível em que se mostrou por demais confundida no seio do visível para que ainda seja discernida, ela oferece tão somente um interstício de perceptibilidade; eis porque é com tanta vigilância que é preciso “perscrutá-la” (JULLIEN, 2018, p. 9).

Como uma terceira mão que transgride o “dom” dos cinco sentidos articulado por essa prática singular do “perscrutar” transformações, uma melodia se faz ouvir que, entrelaçada a uma imagem invisível, desdobra, recortando, uma paisagem outra do lugar brasileiro visto, vivenciado e tido como verdadeiro. Figurações emblemáticas das terras e gentes do Brasil, a exemplo do magnetismo tropical, do carnaval, da cordialidade e da alegria, cedem lugar a figurações inusitadas, mediadoras da redescoberta do Brasil de hoje, traçada pelas relações Literatura e Filosofia: deslocar-se em direção ao múltiplo e ao diverso, eis, em uma palavra, a consciência operatória dinamizada pela fábula do verdadeiro Brasil insinuado por Flora Süssekind e que Haroldo de Campos antecipa por certa singularidade perceptiva.

Produto de captações onde os sentidos mesclam-se, desenhando imagens impensadas, “transformações silenciosas” surpreendem o sujeito que, tal um estrangeiro em seu próprio país, redescobre o real, autorredescobrimo-se; como se, ao visitar certos mitos e lendas representativos do imaginário nacional, esse sujeito os marcasse pelo tom de sua voz nômade e de seu olhar crítico vivaz em busca do Outro. Ilustra essa perspectiva a figuração do “carnaval”, imagem em que o disfarce e o travestimento concedem, ao sujeito brasileiro, o prazer do íntimo multiplicado. Visto desse ângulo, o poema *A voz*, de Carlos Drummond de Andrade, agrega ao

pensamento simbólico brasileiro certa decantação da subjetividade que transforma a vida passada a limpo em grãos do verdadeiro cotidiano a recompor:

Uma canção cantava-se a si mesma
na rua sem foliões. Vinha no rádio?
Seu carnaval abstrato, flor de vento,
era provocação e nostalgia.

Tudo que já brincou brincava, trêmulo,
no vazio da tarde. E outros brinquedos,
futuros, se brincavam, lecionando
uma lição de festa sem motivo,

à terra imotivada. E o longo esforço,
pesquisa de sinal, busca entre sombras,
marinhagem na rota do divino,
cede lugar ao que, na voz errante,
procura introduzir em nossa vida
certa canção cantada por si mesma.
(DRUMMOND DE ANDRADE, 2006, p. 681)

Se o exercício do “perscrutar” surpreende todo leitor, esse efeito de surpresa é devido às inesperadas modulações rítmicas que possibilitam o aflorar do invisível sob o visível, como se todo ser fosse envolvido em um *ballet* de formas e de gestos incidindo na transfiguração do tempo e do espaço pela magia da dança. Em síntese, ao traduzir a singularidade dos ritos carnavalescos, o dançarino é relocalizado em um “ailleurs” (alhures) cultural e artístico. Nele, sob a forma de gesto irradiado sobre espaço e tempo dançantes, o prazer da subjetividade sublimada permite-lhe reconhecer-se como Outro.

Trata-se de uma cena a que assisti em plena Av. Rio Branco. Negros dançavam samba. Mas havia uma moça negra que dançava melhor do que as outras. As maneiras eram as mesmas, mesma habilidade, mesma sensualidade, mas ela era melhor. As outras o faziam um pouco de cor, maquinalmente, olhando o povo em torno deles [...], ela não. Dançava religiosamente. Não olhava para nenhum outro lugar. Vivia a dança. E era sublime. (ANDRADE, 1983),

narra Mário de Andrade em *O Turista Aprendiz*, acentuando a produtividade da dança para o estabelecimento das relações Arte/Alteridade, quando a todo desejo de deslocamento da subjetividade profunda a espacialidade e a temporalidade diversas corresponde ao próprio desejo de decifrar certa zona interior.

Território do imaginário traçado entre o percebido e o não percebido, esta paisagem nuançada, multicultural e de acolhida fraterna à alteridade faz-se mediação ao entrelaçamento do Brasil distante ao Brasil próximo. Assim, pois, visto desse ângulo intersticial, o título da obra *O Brasil não é longe daqui* estampa sobre a página a germinação de uma figura, de um pensamento e de uma palavra os quais permitem a todo leitor assistir à transformação do

imperceptível em perceptível. Espaços, tempos e subjetividades ressimbolizam-se, a exemplo de *Ballet de L'Opera à Rio*, da poeta contemporânea Ana Cristina César, que retorna às fábulas brasileiras retraçadas por Mário de Andrade, nelas imprimindo e ressaltando a eficácia da palavra que narra e que, ao fazê-lo, traduz a potencialidade da expressão poética gerada pela dança. Bailarino e espectador aproximados surpreendem a todo sujeito pelo “perscrutar” que inova a paisagem íntima pela descoberta de ângulos desconhecidos emergentes do movimento dançante:

dos bastidores perde-se a ilusão do
transe, mas hoje eu queria escrever do meio de luzes que
só a plateia visse.
desejava um palco puro, pura
perspectiva de plateia. desejava
escrever com violência para consolar-te: a violência
com que (imaginamos)
os bailarinos fetichizados se erguem
em êxtase
em transfiguração

(CÉSAR, 2008, p. 119)

Com efeito, o Brasil pode ser longe daqui e aqui mesmo, nesse lugar fabuloso no qual o artificial e o natural, percebidos de um modo outro, não fenomenológico, entrecruzam-se harmoniosamente: Brasil distinto esse que o exercício do “perscrutar” concede ao homem brasileiro, permitindo-lhe completar as zonas de sombra de sua subjetividade entre ele-próprio e o outro-alheio. Tal perspectiva permite dizer que, em sua obra *O Brasil não é longe daqui*, Flora Süssekind traça, de modo inconfesso, um percurso de pesquisa, legitimando a produtividade das relações estabelecidas entre literatura e alteridade. Ao fazê-lo, remete ao pensamento de Mário de Andrade, quando, em texto jornalístico, esse poeta diz:

A influência francesa foi benéfica [...], aquela que mais nos equilibra, aquela que mais nos permite o exercício de nossa verdade psicológica nacional, aquela que menos exige a desistência de nós mesmos. (ANDRADE, 1936, s/p.)

Some-se a esse fragmento (que demarca um espaço intervalar entre literatura brasileira e literaturas estrangeiras, no livro intitulado *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L'ici, appel de l'ailleurs)*, representado tanto por vozes francesas, francófonas e por uma voz italiana, quanto por diálogos da literatura com outras linguagens) um outro fragmento de Mário de Andrade, de igual natureza periodística, e que fixa a fertilidade da presença estrangeira na eficácia perceptiva do sujeito. Explicitando: a recepção favorável de Mário de Andrade ao estrangeiro ancora-se justamente na certeza do espírito crítico e lúcido do homem brasileiro,

capaz de distinguir limiares entre o próximo e o distante, dos quais o aflorar do inusitado respalda a prática de paisagens díspares entrelaçadas:

Essa presciência sensível que temos dos valores mais importantes da terra, tanto naturais como sociais, da embocadura do Amazonas, como de Paris, um festival mozartino de Salzburgo, deriva muito mais de nós mesmos. É a nossa inteligência, a nossa cultura e especialmente a nossa sensibilidade que, reagindo sobre dados menos didáticos e mais reais que uma descrição ou crítica, por exemplo, uma fotografia, um telegrama de jornal, um suspensório, um livro, um perfume, um selo de correio, e milhares de outros retalhos do concreto, até mesmo uma carta geográfica, provocam esse conhecimento sensível, que é a nossa própria realidade. Pode ela estar afastadíssima do real verdadeiro, nós jamais a abandonaremos, nem mesmo depois de confrontada com a realidade. Para nós ela será sempre o real mais verdadeiro (ANDRADE, Diário de Notícias, 1940, apud BERWANGER DA SILVA, 2009, p. 146).

Nota-se que essa perspectiva de Mário de Andrade tece um arco simbólico com o pensamento filosófico de François Jullien, no tocante aos modos e formas de acolhida ao Outro. Sob a transparência dessa “presciência sensível” dita pelo autor brasileiro, imagens ressurgem na produção do filósofo francês, a exemplo de: “l’entre comme source de l’inépuisable” (JULLIEN, 2015, p. 190), o sujeito efetuando “des écarts inventifs” (JULLIEN, 2015, p. 228), “traiter des possibles de la pensée entre les diverses culture et la condition de coexistence” (JULLIEN, 2015, p. 216), considerando-se que: “la différence marque une distinction, tandis que l’écart ouvre une distance” (JULLIEN, 2015, p. 273), “l’écart mettant en tension ce qu’il a séparé” (JULLIEN, 2015, p. 274). Tal conjunto de reflexões nomeado em *De l’être au vivre* (Léxique euro-chinois de la pensée), ao reiterar o pensamento de Mário de Andrade sobre o lugar do sujeito na percepção inventiva do Outro, reitera igualmente o diálogo entre Literatura e Filosofia, diálogo que encontra nos estudos sobre Paisagem um dos grãos seminais da eficácia de campos disciplinares e subjetividades díspares aproximadas. Assim concebido, *Nouvelle cartographie poétique du Brésil* reúne um conjunto de textos dos quais a diversidade temática e teórico-crítica converge na transgressão de limiares subjetivos, geográficos e disciplinares. Compõe-se esse livro pelo conjunto de textos constitutivos do tópico *Fables Brésiliennes* e do tópico denominado *Solidarité étrangère*, aproximados pela sedução do novo, os quais tecem um suave convívio entre campos simbólicos e não simbólicos, traduzido pelo diálogo entre literatura e direito, entre literatura e filosofia, entre literatura e música e entre literatura e escultura, no tópico intitulado *Littérature et Interdisciplinarité*. Portanto, do percurso insinuado por Flora Süssekind, depreende-se o efeito de ressonância do novo, emergente da experiência efetuada com o diverso, seja esse diverso de procedência subjetiva, geográfica ou disciplinar: vivências voluntárias e involuntárias consolidam o desejo do sujeito nacional de se expandir a

territórios inusitados, nos quais o Mesmo se faz Outro em sendo o Mesmo. Dito de outro modo: um fio liga esses textos aquém e além de suas heterogeneidades preenchendo as zonas de sombra da paisagem íntima, provocadas pela “sensação de não estar de todo” em lugares e tempos brasileiros. No conjunto apresentado nesse livro, um certo número de figuras estrangeiras aflora na literatura brasileira em sua produtividade teórico-crítica, traduzindo transformações artísticas e culturais. É justamente pela mediação dessa perspectiva textual ampla e em contínuo refazer-se que outras presenças estrangeiras, como as francófonas, comparecem nesse livro, a exemplo do belga Maurice Maeterlinck e do suíço Ramuz, um e outro demarcando, pelos laços de amizade, o mapa de suas vozes compartilhadas, laços de amizade que também ressurgem na celebração de Haroldo de Campos à poesia de Giuseppe Ungaretti, decorrente, sobretudo, de sua permanência em São Paulo e do suave convívio estabelecido entre esses dois intelectuais.

Sob forma explícita de epígrafes, de citações celebrando autores evocados por sua eficácia literária, mas também sob forma de memórias menos explícitas, o conjunto de textos constitutivos de *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L'ici, appel de l'ailleurs)* busca explicitar a transformação das práticas de reinvenção em invenção do Outro-Estrangeiro efetuadas pelo Mesmo-Brasileiro, em busca de completude de sua paisagem íntima.

Evidenciar esses traços incide na composição de certa paisagem matizada em que temas, mitos, motivos e processos teórico-críticos tradutores da constelação brasileira expõem a singularidade produtiva do diálogo estabelecido entre vozes nacionais e transnacionais. Um efeito de rara complementaridade emerge desse diálogo que mostra a perfeita articulação entre teoria e prática da palavra, possibilitando configurar ressonâncias de efeitos produzidos. Em síntese: ao celebrar as vozes do Outro, a constelação de vozes do Mesmo redescobre o Brasil distante no Brasil próximo, sem que, no entanto, os acentos brasileiros cessem de se fazer escutar. Ao contrário, desdobrada e revitalizada, a paisagem faz-se disponibilidade potencial e de mediação do próximo ao distante, prática, em uma palavra, que dilui a “sensação de não estar de todo” experimentada pelo sujeito brasileiro. Brinda-o com o espetáculo da arte plena e globalizada; como se, sob esse efeito de abrangência, tecido voluntariamente, o sujeito assistisse ao traçado de um aflorar distinto e involuntário, do qual a emergência não prevista acentua e legitima o deslocamento a certo lugar de nascimento da Arte brasileira, desdobrado da prática do “perscrutar”. Assim, pois, eixo basilar do pensamento filosófico de François Jullien sintetizado, sobretudo, em *Les transformations silencieuses* (2009), a evidência de transformações silenciosas gerada pelo “perscrutar” possibilita essa captação de representações do Outro como caleidoscópio invisível que se projeta de forma inesperada, no curso dos

fenômenos acidentais e previsíveis. Eficaz para os estudos da Paisagem, o “perscrutar” faz-se, portanto, uma matriz fértil para as figurações da Alteridade. Nesse sentido, uma produtiva intertextualidade crítica pode ser percebida entre o pensamento teórico-crítico de Michel Collot, mediada pela imagem da “pensée-paysage” em que o crítico substitui “representação” por “presença”, e o pensamento de François Jullien sobre o “vivre de paysage” no qual a experiência paisagística, efetuada pelo sujeito, transforma “perceptivo” em “afetivo”, compreendido como aquilo que o afeta. Postas em intersecção, essas duas abordagens contemporâneas, ao adensar e ao conferir eficácia a modalidades perceptivas realizadas pelo sujeito/subjetividade, em busca de completude, confere, igualmente, valor à presença estrangeira para a composição da Paisagem, hoje, como imagem cultural e interdisciplinar, estudada nos três tópicos componentes do livro *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L’ici, appel de l’ailleurs)*, a saber: *Fables Brésiliennes*, *Solidarité Étrangère* e *Littérature et Interdisciplinarité*. Desenhasse um território intervalar entre o efeito de sedução exercido pelo Outro e a intimidade do Mesmo ressimbolizada. Espaço de liberdade inesgotável concedida ao leitor pela filtragem do jogo de reciprocidades aproximadas, esse projeto de inovação da cartografia nacional configura-se como plenitude doada à textualidade contemporânea.

“[...] perseguido por beija-flores sanhaços bentevis em rasante, perdulário do próprio corpo pronto para colonizar o tempo e a linguagem [...] transformou-se no que lhe falta, no que de quebra lhe sobra, como se transbordar fosse um modo de vida, a cavalo sobre o corte”,

diz o poeta Marcos Siscar em *Ciência do interior* (2010, p. 72), sublinhando certa cartografia íntima vivenciada, a qual adensará, algum tempo depois, em *Manual de flutuação para amadores* (2015, p. 97), no poema *Cartografia mínima* nas palavras, nas palavras,

Este é o mapa. Onde quer que você se encontre onde quer que você se perca. Este é o mapa. O que você diz e pensa é o mapa. O mapa é maleável sujeito a invasões bloqueios ou decisões políticas e graves extravios. O mapa está contido em suas incontinências. Aqui e em toda a parte,

quando, dizê-lo, contempla o sujeito brasileiro com a inusitada sensação de estar de todo.

“Cartografia mínima”, pois, que ao retecer a paisagem íntima por deslocamentos à Filosofia, disponibiliza ao campo literário ressimbolização e plenitude.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- ANDRADE, Mário de. [sem título]. *Diário da Manhã*, Recife, 16 abr. 1936.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza (Trad.). *As transformações silenciosas*. Porto Alegre: Eduel, 2018.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza. *Nouvelle cartographie poétique du Brésil: l'ici, appel de l'ailleurs*. Paris: Pétra, 2017.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza. *Paisagens do dom e da troca: da reinvenção à invenção*. Porto Alegre: Literalis, 2009.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza. *Paisagens reinventadas: traços franceses no simbolismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza. *Poésie brésilienne et résonances françaises*. Paris: Pétra, 2015.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.
- CAMPOS, Haroldo de. *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COLLOT, Michel. *La Pensée-Paysage*. Paris: Actes Sud, 2011.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2006.
- JULLIEN, François. *As transformações silenciosas*. Trad. de Maria Luiza Berwanger da Silva. Londrina: Eduel, 2018.
- JULLIEN, François. *De l'être au vivre* (Lexique euro-chinois de la pensée). Paris: Gallimard, 2015).
- JULLIEN, François. *Les transformations silencieuses*. Paris: Grasset, 2009.
- JULLIEN, François. *Não há identidade cultural: mas nós defendemos as fontes de uma cultura*. Trad. de Lucas Graeff e Maria Luiza Berwanger da Silva. Canoas: Ed. Unilasalle, 2017.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris : PUF, 2006.
- SEGALEN, Victor. Essai sur l'exotisme. In: BOUILLIER, Henri (Dir.). *Oeuvres Complètes*. Paris: Laffont, 1995.
- SISCAR, Marcos. *Interior via satélite*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- SISCAR, Marcos. *Manual de flutuação para amadores*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DE MARIA LUIZA BERWANGER:

- Publicações de artigos em revistas nacionais e estrangeiras.
 - *Os percursos de uma missão ao traduzir de L'être au vivre, de François Jullien: cartografias tradutórias entre Oriente e Ocidente* – Transfer – Barcelona, 2018.
 - *Literatura-Mundo e Poesia Brasileira Contemporânea* – IPOTESI (UFJF Impresso), 2018.
 - *Editorial* – Linguagens Culturais – Universidade Unilasalle, 2017.
 - *Nova Cartografia Poética do Brasil Contemporâneo* – ABRALIC, 2017.
- Livros publicados:
 - *As transformações silenciosas*, Ed. Eduel, 2018.
 - *Nouvelle cartographie poétique du Brésil: L'ici, appel de l'ailleurs*, Ed. Pétra, 2017.
 - *Poésie Brésilienne et Résonances Françaises*, Ed. Pétra, 2015.
 - *Paisagens do dom e da troca*, Ed. Literalis, 2009.
 - *Paisagens Reinventadas (Traços Franceses no Simbolismo Sul-rio-grandense)*, Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- Traduções:
 - *As transformações silenciosas*, da obra “Les transformations silencieuses”, de François Jullien, Ed. Eduel, 2018.
 - *A “Ecosofia” como memória do espaço urbano*, da obra “L'écosophie comme mémoire de l'espace urbain”, de Michel Maffesoli, 2017.
 - *Não há identidade cultural: mas nós defendemos as fontes de uma cultura*, da obra “Il n'y a pas d'identité culturelle: mais nous défendons les ressources d'une culture”, de François Jullien, 2017.
 - *Ver e viver a cidade como paisagem*, da obra “Voir et vivre la ville comme paysage”, de Michel Collot, 2017.